

Diário de Notícias

A arte que se faz nos bairros periféricos vem ao centro

A OPA - Oficina Portátil de Artes, projeto pedagógico e artístico que descobre e apoia artistas - de rappers a bailarinos - dos bairros periféricos da capital, está em peso no festival Lisboa Mistura.

Ao contrário do que deverá acontecer entre quarta e domingo, dias em que decorre o festival Lisboa Mistura, o dia de ensaios estava cinzento e chuvoso. Os De Bala School, isto é Miguel Graça, de 19 anos, e Pedro Nuno, de 20, chegavam à Restart - Instituto de Criatividade, Artes e Novas Tecnologias.

Ambos nasceram em Portugal, são filhos de são-tomenses e vivem no Laranjeiro, um bairro de Almada. São uma dupla que dança kuduro e *Afro-house*. Tímidos, acabam por contar estão habituados a dar espetáculos, como o que acontecerá no Largo do Intendente na sexta-feira, e Pedro até já participou no *videoclip* de *Vuvuzela*, dos Buraka Som Sistema. Juntaram-se à OPA - Oficina Portátil de Artes através da associação bairrista Projeto +XL, que desenvolve atividades educativas e culturais para jovens.

Mais grupos começam a chegar, vêm de diferentes bairros da periferia de Lisboa. Mais difícil fica conversar com Francisco Rebelo, diretor artístico da OPA. Deixa a música pronta para os grupos subirem àquele pequeno palco do auditório - que em breve será substituído pelo Largo do Intendente a céu aberto - e, a custo, afasta-se.

"Isto não é bem tipo *Ídolos* ou coisa que o valha" começa por explicar, descrevendo depois o convite que, em 2008, lhe fez o saxofonista Carlos Martins, que dirige a associação Sons da Lusofonia (e, por sinal, também passa por ali para entregar uma partitura a Francisco).

"A OPA procura descobrir e dar oportunidade aos talentos que vivem nos bairros periféricos de Lisboa e que não tem aquela acessibilidade à formação técnica e artística que tem as pessoas que vivem no centro da cidade" acrescenta Francisco. Não há *castings*, quem quiser integra estas oficinas onde são feitas ações de formação, onde se montam espetáculos ou se gravam canções em estúdio de artistas que "nascem no bairro, crescem no bairro e muitas vezes ficam no bairro". A OPA quis "minimizar essas diferenças".

Entre bailarinos e *rappers* como Soulja Gang (sexta-feira) ou os Rap Afro Power (sábado), a OPA percorre toda a programação do Lisboa Mistura. Os jovens que a integram ouvem sobretudo hip hop, kizomba e kuduro, conta Francisco que aponta "o hip hop tuga" como fonte das principais referências daqueles jovens: "Valete, Sam the Kid, NGA".

Os temas das suas letras, começa a dizer, têm o "tradicional *egotrip*". Interrompemo-lo. E no caso das raparigas - Nussy Pontez e Mynda Guevara atuam na quinta-feira - também é assim? "Não tanto", mas, explica, "só tive duas ou três experiências com mulheres no caso do *rap*". Continuando o rol de temas das letras que entoam os jovens das OPA nas suas canções, diz que estes vão "desde a crítica à sociedade, temáticas dos problemas dos jovens hoje, segregação, racismo, o que sentem transportam cá para fora."

É músico e produtor. Por que é que faz isto? "Porque acho que é importante fazer, a explicação é tão simples como esta" responde Francisco Rebelo visivelmente ansioso por voltar para o auditório.

publicado a 2015-06-16 às 00:01

Diário de Notícias
ASSINATURA DIGITAL

Campanha de lançamento
apenas €4,99 por semana
oferta limitada*

ASSINE JÁ EM
WWW.QUIOSQUEGM.PT



* Esta campanha é válida para as primeiras 1.000 assinaturas ativas, até 31 de dezembro de 2015.

CADA JORNAL VALE UM PRÉMIO
NO REGRESSO ÀS AULAS

CADA JORNAL VALE UM PRÉMIO
NO REGRESSO ÀS AULAS

PATROCÍNIO

Para mais detalhes consulte:
http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=4625595

GRUPO CONTROLINVESTES
Copyright © - Todos os direitos reservados